UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE MONTENEGRO
GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS: LICENCIATURA

LUANA DA SILVA

DORMITANTES: A CONSTRUÇÃO DE UMA POÉTICA IN-AÇÃO

MONTENEGRO
2017

LUANA DA SILVA

DORMITANTES: A CONSTRUÇÃO DE UMA POÉTICA IN-AÇÃO

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Artes Visuais: Licenciatura na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Carmen Lúcia Capra.

MONTENEGRO

2017

Catalogação de publicação na fonte (CIP)

S586d Silva, Luana da

Dormitantes: a construção de uma poética in-ção/ Luana da Silva – Montenegro, 2017.

57 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade em Montenegro, 2017.

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Lúcia Capra

1. Espaço Público. 2. Inércia. 3. Performance. 4. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). I. Capra, Carmen Lúcia. II. Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade em Montenegro, 2017. III. Título.

Catalogação elaborada pelo Bibliotecário Uergs - Marcelo Bresolin CRB10/2136

LUANA DA SILVA

DORMITANTES: A CONSTRUÇÃO DE UMA POÉTICA IN-AÇÃO

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Artes Visuais: Licenciatura na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Carmen Lúcia Capra.

Aprovada em: 11/12/2017

BANCA EXAMINADORA

_____

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Carmen Lúcia Capra
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

_____

Prof.ª Ma Mariana Silva da Silva
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

_____

Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

MONTENEGRO

2017

Dedico este trabalho especialmente à minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas foram importantes ao longo desse processo e merecem minha gratidão.

Portanto, agradeço à família, que sempre me incentivou a continuar estudando; aos amigos, que foram essenciais para que as ações acontecessem e por vezes me levaram a repensar o trabalho; e aos professores, figuras importantes ao longo de minha formação.

Em poucas palavras, essa seção pode ser resumida como: obrigado universo e todos os envolvidos nisso.

"Os hábitos são tão difíceis de combater, porque neles a inércia, que em geral se opõe a qualquer ação, se associa a certo sentido rítmico de atividade."

Hugo Hofmannsthal

RESUMO

Essa monografia apresenta a investigação poética desenvolvida como trabalho de conclusão do curso de graduação em Artes Visuais: Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). A partir das performances, In-sono I e II, realizadas em espaços públicos, a pesquisa inicialmente propôs-se a investigar potência do sono enquanto performance. Durante o processo de desenvolvimento, o dormir tornou-se uma metáfora para pensar a inércia nesses espaços, o que culminou na pesquisa intitulada *Dormitantes: a construção de uma poética In-ação*, que investigou de que forma o dormitar, enquanto um estado de inércia que se dá em meio ao movimento, pode ser compreendido como ato político gerador de dissensos nos espaços públicos da cidade. Ambos conceitos, política e dissenso, são tratados com base nos estudos de Jacques Rànciere, cuja relação com o dormitar enquanto ação performática contribuiu para a criação de um conceito próprio da pesquisa, o conceito de In-ação. Assim sendo, o trabalho discorre sobre o desenvolvimento das in-ações de dormitâncias realizadas em Porto Alegre e Montenegro (RS), levando em conta que seus desdobramentos dão início à construção de uma poética in-ação.

Palavras-chave: Espaço público. Performance. Política. Inércia. Dormitar. In-ação.

ABSTRACT

This monography presents a poetic research developed to obtain an undergraduate course in Visual Arts of the State University of Rio Grande do Sul (UERGS). From the premises of performances, In-sleep I and II, performed in publicspaces, it investigates the force of sleep as a performance. However, during its development process, sleep has become a metaphor for thinking inertia in these spaces. Thus, there search entitled *Dormitantes: the construction of a poetic in-action* investigates how sleeping, while a stateofinertiathatoccurs in the midstofthemovement, canbeunderstood as a political act and produce dissent in the publicspaces of the city. By using the concept of politics and dissent, the notions studied by the work of Jacques Rancière. The relationship between these concepts and the dozing, as a performance action, established a concept of research, the concept of In-action. Thus, this work discusses the process of developing the actions taken, considering the consequences to think beyond these questions, the beginning of the construction of a poeticin-action.

Keywords: Publicspace. Performance. Policy. Inertia. Drowse. In-action.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - In Sono I 14
Figura 2 -*In Sono I* 14
Figura 3 - *In Sono I* 14
Figura 4 - *In Sono II* 15
Figura 5 - In Sono II 15
Figura 6 - In Sono II 15
Figura 7 - Dormitante I 20
Figura 8 - Dormitante I 20
Figura 9 - Evento criado 22
Figura 10 - Dormitantes I 23
Figura 11 - Dormitantes I 24
Figura 12 - Dormitante II 26
Figura 13 - Dormitante II 27
Figura 14 - Campanha publicitária Johnnie Walker 29
Figura 15 - Frame do documentário 20 Centavos 30
Figura 16 - The maybe 36
Figura 17 - The maybe 37
Figura 18 - Catalysis III 39
Figura 19 - Catalysis IV 39
Figura 20 - Dormitante II 41
Figura 21 - Encaixe-se 42
Figura 22 - *Dormitante I* 42
Figura 23 - *Dormitantes I* 42
Figura 24 - Instalação Dormitantes 48
Figura 25 - Instalação Dormitantes 48
Figura 26 - Orientações para dormitar nos espaços públicos 49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: DESACELERANDO 10
2 DORMITAR NO TECIDO URBANO 13
3 DORMINDO NO PONTO 28
4 PERFORMANCE IN-AÇÃO 33
5 DESDOBRAMENTOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA POÉTICA 44
6 CONSIDERAÇÕES 50
REFERÊNCIAS 53

1 INTRODUÇÃO: DESACELERANDO

Essa monografia compõe o Trabalho de Conclusão do curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade do Rio Grande do Sul – UERGS, situada em Montenegro-RS. Sendo o trabalho final do curso o desenvolvimento de uma pesquisa poética em artes visuais, busca-se apresentar aqui os processos que a constituem.

A pesquisa em desenvolvimento surgiu na disciplina de Pesquisa em Artes Visuais, onde, a partir da ação intitulada *In Sono*, pretendia-se investigar de que forma o sono poderia ser potente enquanto performance. Assim sendo, foram realizadas ações, entre maio e junho de 2017, que buscavam provocar algum tipo de estranhamento por meio do sono.

A performance, bem como as demais partes do trabalho produzido ao longo daquela disciplina, foi essencial para o desenvolvimento dessa pesquisa. Para construir uma linha de pensamento mais fluida sobre o processo, é necessário compreender de que forma se deu o recorte que a constituiu inicialmente.

No princípio, o trabalho propunha-se alcançar, de formas distintas, um estado real de sono no meio urbano, indo além do deslocamento de seus elementos convencionais, como um quarto com cama, pijama, entre outras coisas, para o espaço público, como foi apresentado em *In Sono*, a primeira performance realizada da série. Com isso, buscava-se causar estranhamento no meio em que a ação era realizada, para pensar de que forma(s) o ato de dormir seria possível enquanto performance, e também na relação criada entre o público e o privado, que se dava a partir desse sono em exposição.

Naquele momento, o dormir era o foco da pesquisa. Porém, os estudos feitos, somados aos diálogos e às ações realizadas após *In Sono*, movimentaram essas questões, desviando o foco da investigação do sono em exposição e do dormir para a ideia de sono como inércia e como maneira de provocar reações no meio em que acontece. Sendo assim, deixei de estimular um estado real de sono para entrar em um estado de pausa, em que o corpo ficava inerte.

A reflexão que se deu ao longo desse processo de criação será exposta, a partir daqui, em quatro capítulos. Tanto o que foi pensado ao longo do trabalho, como o que foi produzido poeticamente, busca criar diálogos com outras produções provenientes do campo artístico e de outras áreas, como a literatura, a filosofia, o cinema, entre outros. A estrutura montada para mostrar o que se pretende abordar em cada capitulo é:

- **Dormitar no tecido urbano:** detalha as experiências performáticas que compõem o trabalho, apresentando as escolhas que o integram;
- **Dormindo no ponto:** o que é dormir no ponto? Este capítulo está voltado para a questão do sono, trazendo informações que se fazem pertinentes à pesquisa, evidenciando a forma com que o dormir a compõe.
- **Performance *In-ação*:** nesse ponto, abordar-se-ão os recursos que compõem a pesquisa, levando em conta a performance e sua potência como criadoras de dissensos. Além disso, esse capítulo trará relações entre as ações produzidas no trabalho e outras produções já inseridas no campo da arte.
- **Desdobramentos na construção de uma poética:** trata sobre as possibilidades que cabem na construção de uma Poética *In-ação*, mas que não cabem nesta pesquisa.
- **Considerações:** sendo o último capítulo, traz uma breve reflexão sobre os desdobramentos e percepções acerca da pesquisa realizada e de seu processo de criação.

É importante ressaltar que, apesar da estrutura de divisão do trabalho em capítulos e do que cada um desses se propõe a tratar, busco desenvolver uma escrita que seja flexível e generosa. Minha intenção é possibilitar uma leitura fluida que misture o que é considerado prático e o que é entendido como teórico, assim como é o processo de produção artística.

Nos capítulos a seguir, ao longo de algumas páginas, há uma caixa de texto na lateral que contém fluxos de pensamento, fragmentos de textos e trechos de artigos. Esses materiais não cabiam no corpo do texto, porém estão intrinsecamente ligados ao desenvolvimento da pesquisa e, posicionados dessa maneira, contribuem à mescla citada anteriormente, porém agora entre o texto e os produtos da Poética *In-ação*.

2 DORMITAR NO TECIDO URBANO

Qual a **relação** entre o espaço e a ação realizada? Por que isso é feito nesse lugar? O que as pessoas que transitam aqui vêem? Que mensagem passa? Algumas pessoas riam, outras achavam que era falta do que fazer, umas observaram por um tempo e seguiam seus caminhos. Durante a ação presenciei acontecimentos que mais tarde me levaram a pensar sobre como eu, minha cama, pijama e coberta éramos vistos naquele lugar. Como quando uma senhora perguntou pra alguém *Ela tá bem? Sim* a pessoa respondeu, aliviada, sua resposta foi um *Que bom!* **Mas por que a preocupação com o bem-estar de quem está dormindo em uma cama confortável?** Além disso, quanto às interações houve poucas, duas na verdade. Um homem, que veio falar comigo e também uma jornalista, pela segunda não esperava, ela até fez uma espécie de entrevista em vídeo. Sua fala inicial foi "Me deparo com uma cena um tanto estranha, **uma cama** aqui na praça!", até hoje não sei onde foi parar essa matéria!
Mas, o movimento de parar, achar curioso e gravar um vídeo questionando o que era feito e o que motivava essa ação, me fez perceber que sim, a performance havia despertado algo e era esse ponto que me interessava.

Trecho de relato sobre a perfomance *In Sono I* – Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Como se iniciou esta investigação? Tendo nas ações desenvolvidas a presença dos desdobramentos que colaboraram para o processo poético investigativo, será relatado aqui esse caminho, levando em conta também as mudanças ocorridas.

Nos primórdios da pesquisa, quando o que se buscava era o estranhamento na cidade, nasceu a performance *In Sono*. Idealizada no ano de 2015, mas realizada em 2017, a ação explorava o dormir como performance, buscando tratar do ambiente e do espaço do sono de outra forma que não a convencional, criando a atmosfera de um quarto em outros lugares, no caso, em uma praça. A ação também suscitava outras questões como os estranhamentos provocados pela própria performance, as possíveis formas de habitar a cidade, o contraste entre o público e o privado – nesse caso, o quarto na praça –, além do sono em exposição aos transeuntes. Para mim, como *performer*, *In Sono* ativava o desconforto de atuar nessa exposição.

Figura 1 - *In Sono I*

Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Figura 2 -*In Sono I*

Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Figura 3 - *In Sono I*

Fonte: Arquivo pessoal, 2017

A performance foi realizada em duas edições, ambas na cidade de Montenegro/RS, sendo a primeira feita em maio de 2017, na praça Rui Barbosa, das 17h às 18h. A segunda edição, intitulada *In Sono II*, aconteceu em junho do mesmo ano, na praça dos Ferroviários. Nessa edição, a ação compôs a mostra do semestre do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UERGS.

Do ponto de vista de *performer*, *In Sono II* pode ser dividida em dois momentos. O primeiro era o começo da ação, enquanto o sono não vinha; poucas pessoas se aproximavam e também era possível ouvir as conversas e

as risadas que tomavam o ambiente. Já o segundo momento foi quando os estudantes da UERGS visitaram a mostra e interagiram com aquele "ambiente", fazendo brincadeiras.

Figura 4 - *In Sono II*

Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Figura 5 - *In Sono II*

Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Figura 6 - *In Sono II*

Fonte: Arquivo pessoal, 2017

No início, eu buscava provocar estranhamentos a partir do sono como performance, dormindo intencionalmente em espaços públicos, pensando que é possível dormir de diferentes maneiras. Passei a pensar, então, em explorar a potência do próprio sono, fugindo dos elementos antes usados que remetiam a uma única ideia do que é o dormir. Além disso, a busca orientou-se por outras maneiras de dormitar nesses espaços.

Uma vez abolida a cama e os demais elementos, a proposta ainda possuía outras questões, como o suporte técnico que era necessário para realizar a ação e seu registro. Na performance *In Sono*, o suporte era realizado por duas pessoas, ficando uma responsável pelo registro e a outra pelo apoio técnico. Mesmo sem elementos convencionais (cama, travesseiro, chinelos, cobertas), a proposta de chegar a um estado real de sono implicava na necessidade de um suporte técnico que fosse capaz de registrar, assim como intervir, caso fosse necessário.

Conseguir esse suporte para dar continuidade às ações propostas demandava que se criasse um cronograma adequado para todos, assim como interferia na escolha do lugar. Desta forma, criei um protocolo que possibilitou a autonomia e o registro da própria ação, sem necessitar do auxílio de terceiros, o que levou à terceira performance – intitulada como *Protocolo do Sono*.

Além da realização da performance, no *Protocolo do Sono* havia uma procura por meios alternativos de registro, o que conduziu ao uso de um gravador. Por que não registrar o que acontecia durante a ação a partir do áudio? Seria uma maneira de criar outra relação com o trabalho àqueles que o acessassem posteriormente. Dessa forma, levando em conta o uso do áudio, estabeleci o seguinte procedimento:

- Realizar a ação com roupas comuns do dia a dia;
- Escolher um lugar público;
- Escolher uma forma de dormir (sentada, em pé, deitada);
- Ficar durante um período que possibilitasse atingir um estado de sono, em torno de 30 minutos a uma hora;
- Registrar, por meio de um gravador simples de telefone, os sons do ambiente durante a ação.

O protocolo acima foi colocado à prova no dia 23 de agosto de 2017, na Praça da Alfândega em Porto Alegre. A ação durou quarenta minutos e

foi registrada por meio de áudio. A gravação pode ser acessada no link abaixo:

https://soundcloud.com/luanadasilva/protocolo-do-sono.

Fonte: Luana da Silva, 2017, Soundcloud

Realizar esse exercício permitiu uma reflexão mais profunda sobre o desenvolvimento da pesquisa, além de proporcionar uma revisão de suas motivações.

A partir das impressões que surgiram dessa ação, foi feita uma comparação entre o *Protocolo* e as performances *In Sono I* e *II*. Enquanto *In Sono* provocava algo em quem passava pelo espaço e se deparava com aquela cena, o *Protocolo do Sono* não instigava nada novo ou diferente, pois dormir em um banco da praça é algo que acontece normalmente, e, sendo assim, não chama atenção nenhuma. Se tal ação não fazia diferença no espaço onde acontecia, não havia razão para continuar. Assim, foi preciso revisar a pesquisa a partir do que tinha sido desenvolvido até aquele ponto.

Buscando pensar nessa ação em comparação com as performances anteriores, o que era potente em *In Sono* e que se pretendia manter na pesquisa? Levantei alguns questionamentos acerca das perguntas daquele trabalho: **A pesquisa pretende investigar o sono pelo sono, o dormir em si, ou procura abordar outras questões? Caso aborde outras questões, quais seriam? Por que, ou de que forma, uma pesquisa poética sobre o sono, enquanto tema, é relevante?** Além do mais, ouvir o registro do áudio trouxe mais algumas questões como: **De que forma o áudio como registro daria conta de comprovar a ação realizada? É necessário que a ação seja comprovada a partir dos sons, levando em consideração o caráter dúbio que possui?**

Percebendo a relevância dessa revisão, a solução encontrada foi revisitar os conceitos de base. Voltei minha atenção às palavras-chave que até o momento representavam o trabalho e as tensionei para descobrir de

que forma eram relevantes ou, ao menos, pareciam ser. Dessa forma, os termos performance, espaço, imprevisibilidade, desconforto, estranhamento e sono foram desmembrados, levando em conta a maneira como haviam sido considerados inicialmente, para que fosse possível perceber se ainda se encaixavam na forma atual do trabalho e de que modo isso acontecia.

Os itens abaixo mostram as relações criadas no exercício de repensar as palavras-chave:

- **Performance:** Linguagem escolhida para compor as ações responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa;
- **Espaço:** Referência aos espaços onde as ações são realizadas, levando em conta a relevância que esses espaços possuem na composição da pesquisa;
- **Imprevisibilidade:** Elemento essencial, porque traz possibilidades que escapam ao que é pré-planejado;
- **Desconforto:** Incômodo, desassossego tanto em quem faz a ação quanto em quem a presencia;
- **Estranhamento:** É o que busco causar por meio do sono, supondo que quem presencia a ação pode de alguma forma estranhar o que acontece, mas não necessariamente sentir-se desconfortável;
- **Sono:** É o meio, a ação escolhida para deslocar algo, causar algum incômodo, provocar reação nos espaços em que ocorre.

Pensando na inter-relação entre os termos, questionei se esses pontos ainda eram de interesse para a pesquisa. Concluí que, sim, as palavras ainda se mostravam interessantes, porém ganharam outros sentidos. Assim, retomá-los foi de suma importância para perceber que poderiam ganhar sentidos mais potentes do que os pensados naquele momento.

Vendo nessas alterações uma diluição do que, de fato, se queria com o trabalho, concluí que, apesar da pesquisa falar sobre o sono, o dormir não era o ponto principal. Dessa forma, o sono passou a se apresentar como metáfora para a inércia, ou seja, um veículo para provocar reações no meio

Às vezes ficar parado é mais difícil do que mover-se. Ficar inerte, de olhos fechados e sem controle do que pode acontecer causa desconforto e expectativa, desconforto em quem não vê e não pode controlar o que acontecerá e expectativa em quem vê e espera que algo se inicie. É valido ressaltar que o tempo demora a passar e vinte minutos que passam tão rápido quando estamos ocupados com qualquer outra coisa, transformam-se em horas. Pensamentos fluem, sons despertam a curiosidade e trazem a vontade de abrir os olhos e expectar a própria ação.
Alguém pergunta Tá tudo bem?! Abro os olhos, sorrio e respondo sim, obrigada! Fecho os olhos e penso que é simpática a preocupação, além de ser também a única reação direta em relação à minha presença aqui.
Pensei que seria xingada, realmente esperava ouvir reclamações, mas não foi hoje, quem sabe na próxima! Aliás, o que se responde quando alguém pergunta o porquê do que é feito?".

Luana da Silva, Notas de Dormitância. *Dormitante I* – Fonte: Arquivo pessoal, 2017

em que acontece. Em relação a isso, diminuiu o interesse em alcançar um estado real de sono e passou-se a provocar um estado de pausa, no qual o corpo em repouso se coloca como obstáculo. Foi essa série de reflexões, somadas a leituras e referências, que inseriu na pesquisa as ações *Dormitante I* e *II* e *Dormitantes I*.

Há um ponto importante a ressaltar, ainda, sobre a série de normas criadas para a realização de *Protocolo do Sono*. O protocolo anterior proporcionava autonomia, mas era problemático quanto ao registro da ação e não possibilitava outras perspectivas – já que buscava atingir um estado de sono. Percebi que realizar qualquer ação sob tais convenções não cabia a esta pesquisa. Sendo assim, as ações posteriores foram realizadas com o suporte de outras pessoas.

A ação de nome *Dormitante I* foi realizada no dia 09 de setembro de 2017, no centro da cidade de Montenegro-RS, na Rua Ramiro Barcelos, principal rua da cidade, em meio a uma calçada na frente da loja Clip. *Dormitante I* teve o auxílio de Jozieli Weber e Raphael Almeida, colegas do curso de Artes Visuais – Licenciatura.

Meio ao tráfego vertiginoso de pessoas na calçada, muitos passaram pela inerte performance sem ao menos olhar para entender o que estava acontecendo.
Enquanto outros, ao encará-la, comentavam com pessoas próximas ou paravam para observar a ação, mesmo não sabendo do que se tratava. Crianças eram as que mais despertavam um olhar curioso ao passar com seus pais às pressas. Outras, paradas próximas ao local, comentavam entre si, enquanto observavam numa certa expectativa de que algo acontecesse. Funcionárias da loja em frente ao ato também interromperam, num certo momento, suas atividades para observar. No fim da ação, uma família se inquietou, pressupondo que se tratava de um mal-estar ou algo do gênero, até que um deles dirigiu-se a ela, para constatar se era isso mesmo ou uma encenação teatral. Percebi que muitas pessoas não se importavam muito ou simplesmente ignoravam, ao mesmo tempo em que outras não sabiam se reagiam ou apenas seguiam seu caminho.".

Raphael Almeida, Notas de Dormitância. *Dormitante I* – Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Figura 7 - *Dormitante I*

Fonte: Arquivo pessoal, 2017

O objetivo de *Dormitante I* era causar algum tipo de reação no meio urbano por meio de um estado de *in-ação*. Vinte minutos foi o tempo estabelecido para que a ação acontecesse. O lugar foi escolhido a partir de uma análise do centro da cidade, onde se procurava por uma área com grande fluxo de pessoas.

Figura 8 - *Dormitante I*

Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Era um dia de sol e muito calor, o que deixa claro que dormitar é uma péssima ideia, apesar disso a ação aconteceu, porém esperamos duas horas até que todas as pessoas chegassem. Nesse meio tempo de espera, questionei a relevância da ação para a pesquisa, porque afinal, que impacto teria um grupo tão pequeno nesse lugar tão grande e cheio de gente? A ideia que tinha em mente era criar uma pirâmide de corpos inertes, porém essa pirâmide seria criada de forma orgânica, as pessoas iriam chegando de pontos diferentes e deitando umas sobre as outras, porém a essa ideia precisaria de muitas pessoas para que se criasse uma grande montanha de corpos, além de alguns agravantes como a distribuição de peso desses corpos e a respiração. Uma decisão importante foi escolher se ficaríamos no chão ou se só ficaríamos próximos e em pé, uma vez que em pé daria mais volume e nos permitiria atrapalhar o caminho. A escolha foi feita a partir da frase de Victória, uma das participantes, que disse "Se ficarmos amontoados durante um tempo e com seriedade, como é para ser, as pessoas vão perceber que não é só uma brincadeira entre amigos". Assim, foi decidido que faríamos esse empilhamento de corpos e de fato, no começo as pessoas não ligaram muito, mas conforme o tempo passava e o grupo continuava estático, a ação provocou algo em quem estava por ali.
Luana da Silva, Notas de Dormitância. *Dormitantes I* – Fonte: Arquivo pessoal, 2017

É importante colocar que, sendo um sábado de sol e calor, a área de maior movimentação no centro era ao lado do cinema e próximo à sorveteria. Considerando que a proposta era colocar-se em outro estado, diverso do estado das pessoas que estavam na rua, fazia parte da ação manter os olhos fechados, tendo acesso apenas aos sons, que também seriam coletados como registro. Por fim, devido a alguns problemas técnicos, a gravação de *Dormitante I* foi comprometida.

Analisar as ações entre si levou a perceber a proximidade entre *In Sono*, na qual era possível constatar que a performance causava reações nos transeuntes, e *Dormitante I*, onde também ficava claro que a ação provocava algo, mesmo sem a presença dos elementos utilizados na primeira (cama, travesseiro, coberta, pijama, etc).

Diferente de *In Sono*, que também ocupava um espaço público e em evidência, ali no meio de uma calçada movimentada eu interferia diretamente no trânsito de pessoas, o que impossibilitava àqueles que passassem de não reagir de alguma forma, seja desviando de mim, que dormitava, ou ignorando o que acontecia. Desta forma, a ação de dormitar pelo meio urbano desdobrou-se ao longo da pesquisa.

Na semana anterior ao feriado de Finados, dia 02 de novembro, organizei uma ação coletiva, chamada de *Dormitantes I*, que seria realizada neste dia. Como meio de divulgação da ação,

"No começo quando nós reunimos meu coração tava acelerado pacas deitei em cima do pessoal fechei logo os olhos pra não me sentir constrangido. No começo, eu tava preocupado o que iam pensar, depois de uns minutinhos eu abri meus sentidos para o que a natureza me passava o vento, o sol no meu rosto, o barulho das árvores e como parecia q eu estava apenas deitado sozinho. Comecei a sentir o pessoal e comecei a perceber que estávamos unidos e o quão significativo era estarmos um por cima do outro como se fosse uma mistura de sentimentos, mas ao mesmo tempo apenas um sentimento união em diferenças. Uma total irradiação."

Daniel Santos, Notas de Dormitância. *Dormitantes I* – Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

"Eu não sei bem o que falar, tipo, foi a primeira vez que fiz algo do tipo(artístico) e foi a parte que tu não gostou mas pra mim o mais legal foi que no final tu acabou dizendo "só se joguem e deu". E enquanto estávamos deitados foi super desconfortável, mas foi super legal, porque eu não conseguia parar de pensar no que as pessoas ao redor estavam pensando e como o sol tava bem na minha cara, via tipo uma sombra das pessoas que passaram na frente do sol. Ah é! Fiquei 3 dias sem sentir meu dedinho, mas valeu, foi interessante.".

Adriano Boese, Notas de Dormitância. *Dormitantes I* – Fonte: Arquivo pessoal, 2017

criei um evento no Facebook propondo a realização de uma espécie de *Flash Mob*[1].

Figura 9 - Evento criado

Fonte: Facebook, 2017

Dormitantes I aconteceu na data prevista, no Parque da Redenção, em Porto Alegre, das 17h às 17h e 20min. Uma vez que a ação precisava de um lugar movimentado e havia a disponibilidade de tempo das pessoas, ela foi desenvolvida especificamente para essa data.

[1]*Flash mob* é um acontecimento previamente planejado, no qual um grupo de pessoas se reúne em um lugar público realiza a ação e se dispersa.

Figura 10 - *Dormitantes I*

Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Apesar de *Dormitantes I* ser denominada como um *Flash Mob*, apenas doze pessoas participaram, o que me levou a questionar o uso do termo. Inicialmente, a performance estava prevista para começar às 15h e 30min, mas muitas pessoas só chegaram ao ponto de encontro após às 16h, o que acabou por mudar o cronograma.

É impossível não comparar as ações, porque ambas se chocam em determinados pontos, apesar de serem distintas. Em *Dormitante I* havia um desconforto que não era de ordem física, era algo provocado pela ação, algo como "Quero ver o que está acontecendo, aposto que estou atrapalhando a passagem, como uma pedra no caminho", e que movimentava o meu pensamento enquanto estava *in-ação*. Já em *Dormitantes I*, estando deitada sobre a grama com mais onze pessoas, o incômodo causado era físico, porque o corpo mal posicionado doía, mas tentava se manter em repouso, inerte, em meio aos outros corpos.

"Após todos estarem posicionados, permanecemos assim, durante 20 minutos, mantendo os olhos fechados e com mínimo possível de movimentos. No início foi muito difícil para mim, durante mais ou menos uns 5 minutos talvez, me vinha uma vontade muito grande de rir, um pouco por causa daquele silêncio constrangedor e pesado que parecia pairar entre tantas pessoas que até pouco tempo atrás não paravam de conversar, um pouco de vergonha por imaginar as reações de quem passava e via uma pilha de corpos imóveis amontoados no meio da grama de um parque, sem entender. Queria abrir os olhos, tentava espiar discretamente mas estava posicionada de uma forma que só via o céu e a árvore acima de nós, decidi parar e direcionar minha atenção apenas para os sons e comentários a volta.Logo comecei a sentir outros incômodos, o corpo não está acostumado a se colocar nesses *estados* um tanto diferentes de *presença* e/ou ocupação de espaço. Meu corpo estava desconfortável, o dia era quente, os corpos abaixo de mim começavam a cansar e mexer de forma instável, fiquei preocupada de estar machucando alguém, procurei respirar fundo e deixar o corpo mais leve a fim de diminuir meu próprio peso. É engraçado porque depois de um tempo sem enxergar e me concentrando apenas na minha respiração comecei a perder a noção de espaço e tempo [...] fiquei inclusive com sono e quando estava naquele ponto de quase completamente dormindo anunciaram que o tempo havia passado.

Luyza Tomazolli, Notas de Dormitância. *Dormitantes I* – Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Figura 11 - *Dormitantes I*

Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Outra diferença é que não estávamos no meio do caminho de ninguém, ou seja, não atrapalhávamos a passagem. Então, nesse caso, a ação não teria perdido seu sentido? Pelo fato da Redenção ser um parque grande e movimentado, penso que, mesmo que escolhêssemos outro lugar que não o gramado, não haveria um impacto de maior proporção, porque, considerando a data (um feriado) e o clima (um dia de sol), seria impossível escolher um lugar que fosse o mais movimentado do parque.

Assim, o único ponto em comum entre *Dormitantes I* e a ação anterior, *Dormitante I*, foi o tempo de duração. O *flash mob* foi registrado em vídeo, áudio, fotografia e escrita, tanto a minha (sendo essa realizada em duas partes, pré e pós performance) quanto a de algumas pessoas que participaram.

A escrita realizada pelos participantes sugere, ainda, como possibilidade, a narrativa.

Uma vez que a ação vivenciada foi descrita por um grupo de pessoas, a perspectiva de cada uma propicia uma diferente leitura sobre o mesmo acontecimento.

No dia 17 de novembro, sexta-feira, foi realizada a ação *Dormitante II* na Rua dos Andradas, conhecida por Rua da Praia, em Porto Alegre/RS, durante a realização da 63ª Feira do Livro. Buscando acompanhar a ação por outra perspectiva, convidei Fernanda Gabriella, estudante do curso de Graduação em Teatro: Licenciatura da UERGS, para realizar a ação.

Na área da Feira na Rua dos Andradas, orientei Fernanda para que ficasse dormitando da forma como se sentisse mais confortável por vinte minutos, enquanto eu me responsabilizaria por cronometrar e registrar a ação. Fernanda se deitou no chão e fechou os olhos, o que fez com que muitas pessoas começassem a se aproximar dela e a perguntar: "O que houve? Moça, está tudo bem?" Enquanto alguns se preocupavam com seu bem-estar, outras pessoas paravam, tentavam descobrir o porquê daquele montinho de gente. Pouco tempo depois, desistiam e iam embora.

No dia 17 de novembro de 2017, na Feira do Livro de POA, deitei no chão – no meio do corredor da feira – para realizar uma ação de inércia. O tempo da ação durou uns 5 minutos, mas pareceu menos de 2. Imediatamente depois de deitar no chão e fechar os olhos, percebi uma onda de pessoas preocupadas com meu bem-estar: alguns perguntavam se eu estava bem, outros chegaram a medir meu pulso com os dedos. Quando dei por mim, havia uma multidão ao meu redor, ainda não sei se pela preocupação com minha saúde ou pelo comprometimento do evento. Tentaram puxar o celular que eu estava segurando e eu abri os olhos, o pessoal se deu conta de que estava bem e até cheguei a escutar de alguém que eu era "muito feiosa para chamar a atenção assim". Também lembro de um homem – que pelo tom de voz usado, estava impondo autoridade – me perguntando se eu estava bem ou realizando um protesto, no medo eu respondi "nenhum dos dois". A ação que tinha intuito de acontecer por 20 minutos, foi interrompida por um policial, pois "estava atrapalhando a movimentação". O que senti dentro desses 5 minutos foi medo de ser vista como um problema maior do que o propósito do trabalho e que algo comprometedor à minha imagem acontecesse (ser presa ou internada, por exemplo). A perturbação das pessoas ao me verem no chão foi assustadora, pois isso estava sendo direcionado um lugar onde eu estava agindo com base na inconveniência – logo, era "imoral" eu estar ali. Senti medo por mim e por minha carreira; sobretudo de estar morando num país onde a arte é tratada com truculência.

Fernanda Gabriella, Notas de Dormitância. *Dormitante II* – Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Foram diversas reações acontecendo ao mesmo tempo, o que tornava difícil focar em uma ou outra. Logo no início da ação, um menino parou ao meu lado e perguntou: O que ela tá fazendo ali? Ela tá deitada – respondi, ele não insistiu no diálogo e saiu. Depois de algumas tentativas de saber se Fernanda estava bem, uma mulher perguntou se ela protestava por algo, nesses cinco minutos duas pessoas checaram seu pulso tentando descobrir se estava respirando, algumas deduziram que ela estava chamando a atenção. Percebi que apesar do choque do primeiro momento, a situação quase atinge um estado de normalização, porque aproximadamente dois minutos depois poucas pessoas permaneciam e a maioria das que passavam, nem paravam apenas desviavam da cena e seguiam.

Luana da Silva, Notas de Dormitância. *Dormitante II* – Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 12 - *Dormitante II*

Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Assim como em *Dormitante I*, a performance aconteceria durante vinte minutos em um lugar movimentado que interferisse no fluxo das pessoas. O lugar escolhido foi a Feira do Livro, porque o evento faz da Praça da Alfândega uma área muito movimentada. Por um motivo, a ação, que teve início às 16h e 10min, foi concluída às 16h e 15min.

Pouco tempo depois do início, um policial da Brigada Militar se aproximou de Fernanda e começou uma conversa, perguntando o que estava acontecendo e porque ela estava ali. Eu me aproximei e expliquei que se tratava de uma ação artística, mas ele pediu que fôssemos para outro lugar. O policial e eu conversamos um pouco e concluí que era melhor encerrar a ação naquele momento.

Figura 13 - *Dormitante II*

Fonte: Arquivo pessoal, 2017

A performance foi interrompida, mas o fato da ação ter sofrido essa intervenção move questões que estão presentes no trabalho e que são pensadas ao longo de seu desenvolvimento, como a ideia de política. Como ponto de partida, tenho a noção de política proposta pelo filósofo francês Jacques Rancière:

> Política não é, em primeiro lugar, exercício do poder ou luta pelo poder. (...) A política é a atividade que reconfigura os âmbitos sensíveis nos quais se definem objetos comuns. Ela rompe a evidência sensível da ordem "natural" que destina os indivíduos e os grupos ao comando ou à obediência, à vida pública ou à vida privada, votando-os sobretudo a certo tipo de espaço ou tempo, a certa maneira de ser, ver e dizer. (...). Tal como Platão nos ensina a contrário, a política começa quando há ruptura na distribuição dos espaços e das competências – e incompetências. (RANCIÈRE, 2012, p. 59-60)

Desta forma, penso na Poética *In-ação* como a ruptura que se dá nos espaços públicos, como a rua, em que o estado comum é o de circulação e não o de pausa. É nesse sentido que colocar-se inerte tem potência para produzir dissensos, conceito tratado por Rancière na obra "O espectador emancipado" (2012), que será explorado mais adiante.

3 DORMINDO NO PONTO

Pensando no que a pesquisa se propunha anteriormente, aqui seria falado sobre o sono, trazendo informações referentes a seu funcionamento, entre outras coisas que o envolvem. Porém, essa abordagem não se mostra mais necessária, uma vez que o sono não é mais o principal ponto da pesquisa.

Sendo assim, coloco aqui uma pergunta que acredito fazer mais sentido nesse momento do trabalho: **de que forma o dormir se coloca nessa pesquisa e, além disso, de que outras formas pode desdobrar-se para produzir novas interpretações?**

O processo de desenvolvimento do trabalho, assim, levou a pesquisa a aprofundar-se nas questões, já colocadas anteriormente, do sono em exposição e dos estranhamentos que o dormir pode causar no meio urbano. No entanto, quando o dormir passou a ser desenvolvido, levou a pesquisa a modificar o foco para questionar sobre o que o dormir produz ou como é interpretado.

A partir disso, busquei referências – ditados populares, por exemplo – onde o dormir aparecesse de forma mais ampla ou que tratassem de outros temas. O resultado dessa busca levou a expressões populares como "dormir no ponto" e o "sono dos justos".

Essas expressões estão intrinsecamente ligadas a julgamentos morais, pois falam sobre posturas que definem lugares politicamente destinados. "Dormir no ponto" refere-se a quem é desatento, feito de bobo ou passado para trás. Por sua vez, o "sono dos justos" é uma expressão que alude ao descanso daquele que trabalha e que, portanto, faz por merecer. Nesse sentido, o merecimento está ligado à noção de trabalho, pois, para merecer o descanso, determinada postura é cobrada. Assim, diferentes lugares são criados para operar dentro de uma lógica tida como natural.

O processo de analisar expressões como essas trouxe nos resultados de busca da Internet uma propaganda da marca Johnnie Walker, do ano de 2011. A publicidade foi desenvolvida com o intuito de criar uma campanha

O gigante acordou. Tava dormindo havia décadas, talvez séculos, já nem lembra. Só lembra que tinha sido trancado, torturado, silenciado. Já nem sabe por quem. E nem faz diferença. Agora que acordou, tá puto da vida. "Nunca mais eu vou dormir", disse o gigante. Nunca mais eu vou dormir. "Que merda é essa?", disse o pessoal na torre de comando. Vamos botar esse gigante pra dormir na base da porrada. [...] Bala de borracha no gigante. Bala de verdade no gigante. Põe a TV pra criminalizar o gigante. Mostra na TV o bicho furioso. "Gigante violento pratica vandalismo", "vândalo gigante vandaliza a violência", "vandalismo agiganta a prática da violência", até que vaza imagem do bicho de verdade, todo lanhado, se defendendo com um pedaço de pau, maldita internet, e agora todo o mundo tá do lado do gigante. Parece até que o gigante é vítima, coitado. "The gianthasawoken", o gigante ganha fama internacional, "legéants'estréveillé", "el gigante despertó". Até a TV mudou de ideia: gente, eu pensei melhor e esse gigante é fofo. E o gigante crescendo e crescendo. [...] Exausto, o gigante voltou a dormir ali mesmo. Acordou na sarjeta com a ressaca do século. Quanto tempo passou? Já não se lembrava de nada. Comprou um fidgetspinner e voltou pra casa. Ligou o ar-condicionado, pediu pizza e dormiu de novo, assistindo a um documentário de bebê na Netflix.Acorda, gigante. Vamopra rua. Shhhh. Apaga essa luz. E alcança pra mim uma Neosaldina.
Trechos do artigo **Shhh! gigante acordou mas tá ressaca.** Gregório Duvivier. Folha de São Paulo.

local da marca, e, para isso, se passa no Rio de Janeiro e mostra o Pão de Açúcar. O morro também integra parte do corpo de um gigante de pedra, que começa a levantar-se. O comercial acaba com as frases "O gigante não está mais adormecido" e "*keep walking, Brazil*".

Figura 14 - Campanha publicitária Johnnie Walker

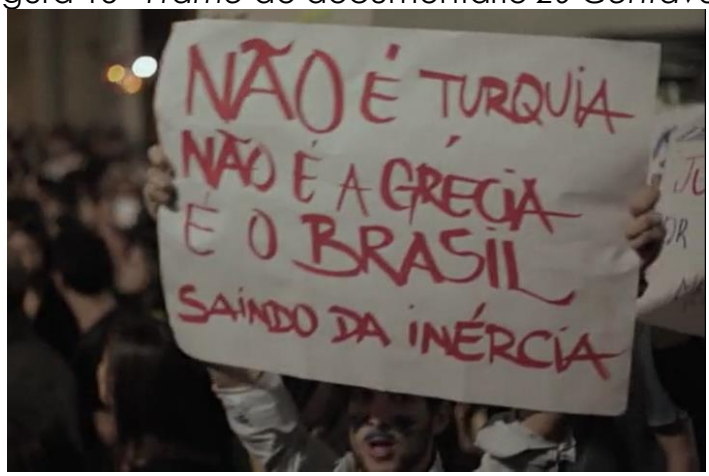
Fonte: YouTube, Johnnie Walker, *Keep walking, Brazil*

Mais tarde, no ano de 2013, a frase "o gigante acordou" passou a ser usada em referência aos protestos, nos quais muitos brasileiros foram às ruas lutar por melhorias na educação, na saúde e no transporte. No mesmo período, a propaganda foi reeditada e adquiriu outro sentido, pretendendo-se como um estímulo para que as pessoas fossem às ruas e não aceitassem mais o que lhes era imposto.

Motivados pelo aumento em R$0,20 centavos na tarifa do transporte público, primeiramente em São Paulo e depois em outras capitais, os protestos foram amplamente noticiados nas mídias sob a alcunha de que o

gigante havia acordado. A participação de diferentes grupos naqueles movimentos urbanos também levava a outras reivindicações. Devido ao grande número de pessoas presentes nos atos realizados nas várias cidades do país, a repercussão foi internacional. Durante os protestos, foi filmado o documentário *20 Centavos*, um média-metragem de cinquenta e dois minutos.

Figura 15 - *Frame* do documentário *20 Centavos*



Fonte: Documentário *20 Centavos*, 2014

Relacionando tanto as expressões populares quanto as manifestações, é perceptível que o ato de dormir ou o de acordar também podem ser considerados como uma forma de fazer política, já que, quando deslocados de seus contextos, podem causar rupturas. É o caso dos protestos, por exemplo, onde o "acordar" foi simbólico para representar o movimento gerado nas ruas, movimento este que rompeu com a ordem tida como natural. Pensar o dormir enquanto ato político é compreender a ação como potente para criação de dissensos de acordo com o meio em que acontece.

Retomando o que Rancière propõe sobre política, o fazer política seria causar dissensos e, assim, alterar a lógica do que é posto como natural. Uma situação em que isso se mostra, por exemplo, é a de parar em um lugar de passagem, pois isso perturba o movimento, e logo causa um dissenso nesse espaço.

De que forma a recusa de Bartleby pode se aproximar desta pesquisa? Para que o convívio em sociedade funcione de forma harmoniosa criam-se leis que regimentam os deveres e obrigações de todos. Para que essa organização se mantenha em menores escalas há outros acordos, como é o caso dos contratos de trabalho que formalizam e asseguram os deveres de cada parte envolvida, empregador e empregado. Desta forma é possível perceber o movimento feito por Bartleby que ao recusar-se a fazer algo, recusa também o que está nesse contrato, porém sua recusa é pacífica, não há briga, ele apenas prefere não o fazer e assim a história se desenvolve.
Chamo atenção para as reações geradas por sua recusa, como a surpresa do narrador, que insiste em compreender o funcionário que aos poucos fica em completa inércia, e a desaprovação dos colegas. A história se encaminha rumo ao absurdo, mas o que se aproxima da pesquisa é o que provém da inércia de Bartleby, ou seja, as reações que a inação gera no meio em que acontece, bem como as ações geradas por essas reações. No caso da pesquisa, podemos comparar o escritório com a rua, o espaço onde a ação acontece, e a inércia de Bartleby com a inércia presente em quem dormita, interferindo o cotidiano comum.

A recusa de Bartleby e o dormir como ato político. Luana da Silva. Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

A partir daí, podemos entender o dissenso como "o conflito de vários regimes de sensorialidade. É por isso que a arte, no regime da separaçãoestética, acaba por tocar na política. Pois o dissenso está no cerne da política"(RANCIÈRE, 2012, p. 59-60). Dessa forma, o dissenso passa a incorporar-se na investigação de uma Poética *In-ação* a partir da performance *Dormitante I*, porque é onde a ação passa a interferir diretamente na ordem que é instituída ao espaço público e à ação das pessoas. Além de uma forma de produzir o dissenso, pode-se pensar o dormitar como estado de imobilidade e, por isso, como uma das potências da ação.

Podemos compreender a potência como possibilidade, por exemplo, a possibilidade de desempenhar ou não uma função. Este conceito aparece em ensaios do filósofo italiano Giorgio Agamben, entre eleso texto "A potência do pensamento", onde o filósofo dialoga com as reflexões de Aristóteles. Esta noção aparece, também, em "Bartleby, o escrivão"[2]. Na narrativa, Bartleby é contratado como escrivão em um escritório. O funcionário é tido como um bom e produtivo trabalhador, porém, aos poucos, vai deixando de cumprir as funções que lhe são atribuídas. Dessa forma, o agir de Bartleby aplica o conceito que ocorre na esfera da potência tanto ao exercer sua função quanto ao recusar exercê-

[2]Bartleby, o Escrivão é um filme baseado no conto homônimo do escritor Herman Melville, produzido originalmente em 1970.

la, pois mesmo quando o escrivão não está em exercício de sua função, ele ainda é escrivão.

Partindo desse princípio, aproximo o conceito de potência à pesquisa, considerando que, ao criar um estado de pausa do corpo, cria-se também uma expectativa de que esse corpo se movimente. Dessa forma, podemos pensar que os corpos que se colocam em um estado de pausa – como em *Dormitantes I* – também exercem uma potência da ação. Entretanto, é preciso compreender que, apesar da aproximação entre o pensamento de Agamben sobre a potência e a pesquisa, o corpo dormitante, que parece estar inativo, encontra-se *in-ação* e, portanto, opera em outra lógica. Esse conceito segue sendo desenvolvido no próximo capítulo.

4 PERFORMANCE IN-AÇÃO

Como um conceito das artes visuais, a performance vinha sendo uma noção articulada aos temas da pesquisa. Porém, conforme o trabalho foi sendo construído e desdobrado em outros sentidos e ações, adotar o conceito de performance poderia impedir a compreensão do que estava sendo produzido. Seria como "aplicar" performance a atos que estavam sendo inaugurados. No entanto, dada a sua relevância para a construção da pesquisa, desenvolvo conexões entre performance e *in-ação*, mesmo que, posteriormente, caso a pesquisa seja prosseguida, seja necessário repensar sua relação com o trabalho.

Podemos definir performance como uma ação que acontece em determinado lugar, com a presença de público ou não, relacionada ao corpo e podendo ser composta por elementos das artes visuais, do teatro e da música. Visto que a performance é um acontecimento, não raro o artista lança mão do registro – fotografia, vídeo, áudio, escrita – para que o trabalho possa ser posteriormente acessado.

A partir dessa definição, é válido colocar que, durante o desenvolvimento de *In Sono I* e *II*, a noção de performance era importante como uma maneira de dar nome ao que era feito e, assim, gerar e compartilhar algum pensamento a respeito. Na compreensão de que performance é uma ação, adotei a palavra Inação, pensando que as performances nessa pesquisa eram executadas por corpos parados. A imobilidade seria, então, entendida como o oposto de performance e tratada aqui como inação. No percurso investigativo, percebi que, ao considerar a imobilidade proposital como inação, também se desconsiderava todo o movimento que ocorria ao longo de sua realização, como é o caso das percepções que se davam no momento da ação e nos

De que forma a aposta ou jogo podem se aproximar da performance, enquanto linguagem artística? Podemos analisar a forma como o apostador – ou jogador – olha para o jogo que tem, ao mesmo tempo em que o *performer* também o faz, mesmo com certa variação, analisando o ambiente onde a ação se dará ou verificando os preparativos. Outra semelhança entre o apostador e *performer* é que ambos conhecem os riscos e sabem que contam com um pouco de sorte e mesmo havendo a possibilidade de perda, arriscam e jogam. Porém, diferente do jogo em que, se perder, o apostador saí sem nada, na performance sempre é há um ganho.

Performance enquanto aposta. Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

escritos acerca de seu acontecimento. Tal entendimento só foi possível após as recomendações da pré-banca[3].

Entendendo, agora, que a inação não é o oposto da ação e sim um estado de inatividade, no sentido de fazer algo utilitário no espaço urbano, substituí o termo Inação por *In-ação*, uma palavra composta, que parte da palavra inação, e que, ao ser dividida por um hífen, ganha outro sentido, passando a ser formada por duas palavras: In, que pode ser traduzido do inglês como em, e ação. Assim, *In-ação* desloca a ideia de que há uma mera não ação, na perspectiva de que o corpo não está parado porque está em outro estado, inativo, porém em movimento. Portanto, para dar conta do deslocamento que é realizado, a poética estabelece o conceito de *in-ação*.

Fiz um exercício ainda na fase do projeto dessa pesquisa, traçando uma analogia entre a pesquisa e alguma profissão estrangeira a ela. Essa comparação tinha por objetivo perceber as questões que envolviam o trabalho ou, ainda, as questões novas que o próprio trabalho estava gerando. A comparação foi realizada entre a performance e a noção de aposta ou de jogo. Essa analogia buscava contrapor as figuras do *performer* e do jogador, interpretando a ação desenvolvida como uma aposta ou um jogo. É por essa perspectiva que percebo uma proximidade

[3]Momento de avaliação que acontece durante o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso, neste caso, realizada na data 16/10/2017.

entre a noção desenvolvida nesse exercício e a ideia de jogo (play), criada por Allan Kaprow (23 de agosto de 1927 – 05 de abril de 2006).

Allan Kaprow, artista norte-americano, foi responsável por criar diversos conceitos, entre eles o de *Happening*, ou acontecimento, no qual o público era convidado a participar; e as Atividades, ações voltadas para criação de experiências, realizadas sem a presença de um público. Kaprow defendia a aproximação entre a arte e a vida, daí sua produção ter influenciado o surgimento da performance e do grupo *Fluxus*, movimento artístico que compreendia a arte em relação com a vida.Tem importância para esta pesquisa a noção de Kaprow sobre o jogo, que deveria ser explorado pela figura do *a-artista* como uma forma de fazer vida. *A-artista* é um conceito criado por Kaprow para se referir àquele artista que não faz arte real, mas que faz arte-como-a-vida, arte que nos faz lembrar principalmente de nossas vidas. Nesse sentido, o jogo possui um caráter lúdico e de brincadeira. Assim, a presença da ludicidade em Kaprow é o que o aproxima da ideia de performance como jogo, presente no ponto inicial dessa pesquisa.

Analisando as questões das quais trata a produção poética que vem sendo apresentada, busquei estabelecer diálogos com outros trabalhos das artes para que assim fosse possível ampliar a compreensão sobre o dormitar. **Mas de que forma estabelecer conexões que não sejam rasas, mas consistentes o suficiente para gerar uma reflexão acerca do que é investigado?**

Pensando nisso, e sem a intenção de limitar as possibilidades, acredito que os tópicos abaixo possam facilitar a criação de tais relações, os quais serão desenvolvidos individualmente a seguir:

- **Estado de inércia:** o corpo que em estado de pausa se faz potente enquanto arte;
- **Estranheza:** ações que acontecem nos espaços comuns da cidade e causam estranhamento;

- **Aproximação entre arte e vida:** pensar esse viés da pesquisa a partir de trabalhos que operem dentro dessa ideia do que é arte e do que é vida;
- **O corpo como mobiliário urbano:** a presença do corpo estático como um mobiliário que compõe a cena da cidade.

A partir da ideia de operar em um estado de inércia, cuja imobilidade produz algo, uma vez que considera a presença de um público durante a ação, relaciono *In Sono* e as *in-ações dormitantes* a dois trabalhos distintos, as performances *The Maybe*, de Tilda Swinton, e *4'33''*, de John Cage.

The maybe foi realizada duas vezes pela atriz Tilda Swinton (05 de novembro de 1960), a primeira em 1995 na Serpentine Gallery, em Londres, e a segunda no Museum of Modern Art, em Nova York, no ano de 2013.

Figura 16 - *The maybe*

Fonte: Tilda Swinton, SerpentineGallery, 1995

A performance aconteceu durante dias, tanto na Serpentine Gallery quanto no MoMA. A atriz ficou horas dentro de uma caixa de vidro com os olhos fechados.

Figura 17 - *The maybe*

Fonte: Tilda Swinton, MoMa, 2013

Essa ação contribui para pensar a inércia como performance, uma vez que, pelo pensamento que venho desenvolvendo, a atriz fica durante horas in-inércia no espaço, porém num espaço que é o da exposição de arte. Então, da mesma forma em que há um estranhamento, o espaço já deixa claro que se trata de uma ação artística. Analisando *The maybe*, o lugar no qual a atriz se coloca, uma caixa de vidro, pode nos levar a pensar nela – como artista – ou na ação que desempenha – o dormir – como algo precioso, por isso colocado em uma vitrine.

Nessa mesma perspectiva, há também a obra *4'33''*, uma peça musical criada pelo artista, compositor e teórico musical John Cage (05 de setembro de 1912 – 12 de agosto de 1992), em 1952, e apresentada pelo pianista David Tudor no Maverick Concert Hall, em Woodstock, no mesmo ano. A execução da performance *4'33''*em sua estréia é descrita como:

> [...] o pianista David Tudor senta-se em silêncio em frente ao piano, somente movimenta as mãos silenciosamente durante três vezes, durante quatro minutos e trinta e três segundos cronometrados no relógio. [...] A música consiste em todos os sons acidentais que são produzidos no salão enquanto dura a performance da peça. Em 4'33", há vários sons participando, mas não há um "modelo" receptivo, a recepção é criadora da própria obra. Durante a performance da composição, configura-se um cenário em que se

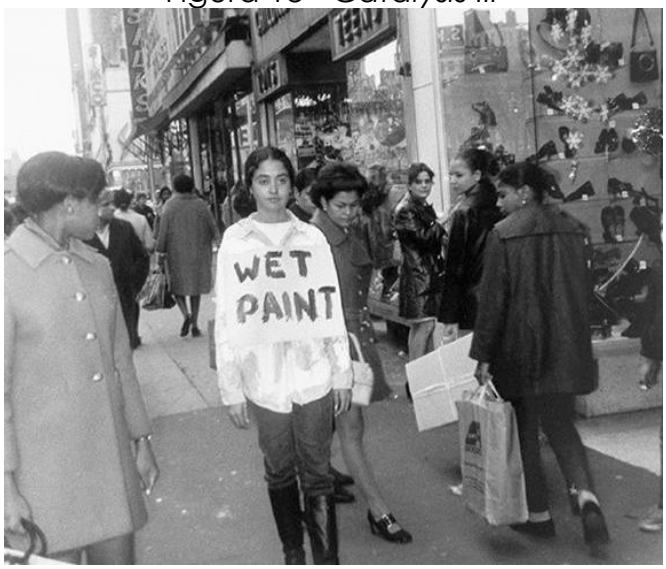
> confundem o intérprete e o receptor tradicional, porque ambos (músicos e público) são agentes e receptores do silêncio. É importante reenfatizar que o entendimento de silêncio, para Cage, significa a ausência de sons intencionais. [...] Assim, foi produzida uma composição silenciosa repleta de ruídos, batizada por Cage como uma composição "não-intencional". (CAVALHEIRO, 2012, p.5).

Sendo assim, considerando que ao longo da execução da peça o intérprete se coloca em estado de inércia e que isso produz uma composição de ruídos oriundos do público, podemos pensar em duas relações com a *in-ação*: a presença da criação de um estado inativo por parte de quem executa a peça; e os movimentos que são produzidos no meio em que ela acontece, no caso, os ruídos do público. Pode-se pensar que, enquanto em *4'33''* cria-se uma composição, no meu caso as reações podem levar a performance a outros desfechos, como em *Dormitante II*, quando a ação, que duraria vinte minutos, foi interrompida.

No segundo tópico gerador de conexões entre as *in-ações* e outras produções da arte, proponho a aproximação com ações que produzem estranhezas na cidade. Faço isso a partir dos trabalhos *Catalysis III* e IV, da artista Adrian Piper (20 de setembro de 1948).

Piper é uma artista norte-americana que possui uma produção conceitual voltada às questões da identidade de gênero e do racismo. Durante os anos 1970, Piper realizou diversas performances, como a série intitulada *Catalysis*, iniciada em 1970 e concluída em 1973, que era composta por sete performances. Dessas, ressalto as *Catalysis III* e IV.

Figura 18 - *Catalysis III*



Fonte: Adrian Piper, 1970. Foto: Rosemary Mayer

Na ação *Catalysis III*, Piper atravessou as ruas de Manhattan usando um suéter pintado de branco com a inscrição *wet paint* – tinta fresca – e foi até uma loja de departamento fazer compras.

Figura 19 - *Catalysis IV*

Fonte: Adrian Piper, 1971. Foto: Rosemary Mayer

Já em *Catalysis IV* a artista se vestiu de forma elegante, encheu a boca com um pedaço de toalha de banho e deslocou-se por Nova York de metrô e ônibus. As *Catalysis* de Piper são ações incomuns que buscam

produzir reações no tecido urbano por meio do embate entre a ação e o espectador. Considerando o estranhamento que causaram, aproximo-as das ações dormitantes. Diferente de Piper, que propõe ações incomuns para gerar reações, as dormitâncias apresentam algo cotidiano, que é o deixar-se in-inércia para provocar reações. Entretanto, mesmo sendo algo que é de ordem cotidiana, o dormitar nos espaços da cidade também se propõe a provocar reações.

O terceiro ponto que proporciona novas conexões com a produção da poética dormitante é a aproximação entre a arte e a vida, pensando na realização de ações artísticas que, de tão próximas a coisas comuns, tornam-se difíceis de serem pensadas separadamente. A aproximação entre arte e vida foi o tema de diferentes movimentos estudados pela história da arte, como, por exemplo, o *Fluxus* e a *Internacional Situacionista*. São aspectos desses movimentos que aproximo à poética desenvolvida na pesquisa.

Em linhas gerais, o *Fluxus* – ou grupo *Fluxus* – foi um movimento surgido em 1961 e liderado pelo artista George Maciunas (08 de novembro de 1931 – 09 de maio de 1978). Teve como integrantes artistas de países diferentes – como Joseph Beuys (12 de maio de 1921 – 23 de janeiro de 1986) e Yoko Ono (18 de fevereiro de 1933) –, e marcou os anos 1960 e 1970. O movimento questionava a distinção entre a arte e a vida, dessa forma aproximando-se do cotidiano. Nesse sentido, John Cage, assim como o dadaísmo, serviu de influência para seu surgimento.

A Internacional Situacionista foi um movimento realizado por um grupo de jovens franceses, composto por artistas, urbanistas, escritores, cineastas e poetas, que surgiu em 1957. O grupo procurava uma alternativa para teorizar a produção artística do período, buscando relacionar, assim como o *Fluxus*, a arte com a vida. Os situacionistas, como eram chamados, interessavam-se pelo urbanismo e pela arquitetura, pois viam na cidade o lugar para realizar essa aproximação.

Quando associo a linha de pensamento desses dois movimentos ao que é desenvolvido em *Dormitantes: a construção de uma poética in-ação*,

entendo que, apesar do trabalho não apresentar como foco principal a aproximação entre arte e vida, ela está presente. Uma vez que a ação é de ordem banal, as pessoas presentes nos lugares onde as dormitâncias ocorrem não necessariamente vêm a percebê-las como um ato artístico.

Figura 20 - *Dormitante II*

Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Para exemplificar essa possibilidade, relembro novamente *Dormitante II,* ação na qual Fernanda ficou deitada no chão da praça durante a Feira do Livro. No momento da ação, algumas das pessoas que pararam acreditavam que ela passava mal, o que as levou a checar seu pulso duas vezes.

Por fim, a questão do corpo enquanto mobiliário urbano na poética *In-ação* propõe uma abertura para uma reflexão futura sobre esse tópico. Sua base é o vínculo entre o corpo e o espaço urbano, o que pode ser pensado a partir da pesquisa poética de Aline Dallagnese[4], intitulada *Encaixe-se*: *o corpo que preenche espaços urbanos*, de 2015.

[4]Graduada, em 2015, no curso de Artes Visuais – Licenciatura pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS.

Figura 21 - *Encaixe-se*

Fonte: Aline Dallagnese, Cidade Baixa 2-4, 2015

Em sua pesquisa, Dallagnese lança mão da performance para estudar o corpo em diálogo com a arquitetura da cidade. As ações feitas em sua investigação consistem em encaixar seu corpo em diferentes lugares da Cidade Baixa, em Porto Alegre/ RS. Portanto, ao justapor-se àqueles espaços, o corpo torna-se parte dessa mobília urbana.

A percepção do corpo como objeto na cidade torna-se mais palpável para as dormitâncias quando pensamos a partir da fotografia, como mostram as imagens referentes às ações *Dormitante I* e *Dormitantes I*.

Figura 22 - *Dormitante I*

Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Figura 23 - *Dormitantes I*

Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Isso se deve ao fato de que, enquanto em *Dormitante I* o corpo pode se estabelecer como um objeto e compor um cenário com os elementos presentes na calçada, em *Dormitantes I* o grupo de pessoas empilhadas sobre o gramado do parque da Redenção pode ser pensado como um adorno. No entanto, ambas as ações compõem novos elementos nos cenários urbanos, diferente de *Encaixe-se*, performance na qual o corpo se coloca como extensão de algo que já existe na cidade.

Ao tecer relações entre as *in-ações dormitantes* e a produção de outros artistas ou as características de outros grupos, como o *Fluxus*, busquei analisar o trabalho por meio de outras perspectivas. Dessa forma, foi possível tensionar a pesquisa e desenvolver novas compreensões a partir das questões presentes no trabalho e, ainda, apontar novas possibilidades.

5 DESDOBRAMENTOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA POÉTICA

14 corpos estáticos que ficam no meio do pátio da escola, são 14 porque dessa vez eu estou apenas observando, querendo saber como é a ação para quem vê e como essas pessoas que passam por ali reagem com aquilo que fica em meio ao caminho. Fiquei surpresa com a surpresa das pessoas, algumas param e comentam, tem quem passe reto, não posso dizer se ignoraram ou apenas tentaram ignorar, mas chuto que foi a segunda opção.[..]Ninguém perguntou o que estava acontecendo, nem para mim ou para algum dos *performers*, pois as perguntas e comentários eram feitos entre si. Lembro de ouvir alguém perguntando se era uma pegadinha, se eles queriam dar um susto, algumas pessoas até falaram sobre a ação ser um manifesto artístico, o que me lembra que duas ou três pessoas fotografaram a ação! Foi bom realizar a ação em conjunto e estar em outra perspectiva, penso que deveria ter prestado atenção em mais coisas, mais detalhes ou ter feito a ação ao invés de assisti-la, porém ver a reação das pessoas com a ação me fez perceber que colocar-se nesse estado de inércia, dormitar, em meio a esses espaços produz sim alguma coisa.

Trechos de Dormitantes: A simulação in-ação – Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Desde que a pesquisa *Dormitantes: A construção de uma poética In-ação* assumiu um caráter mais amplo, abarcando muitas possibilidades e possuindo diferentes formas de registro, percebi que o trabalho não era definido apenas pelas ações realizadas, nem somente por seus registros, mas sim por ambos, uma vez que o que era chamado de registro também era expressivo enquanto produção poética. Dessa forma, o trabalho não se encerra em uma performance ou em um acontecimento, mas escorre para outras linguagens como a escrita, a fotografia, o áudio e também o vídeo.

É pensando nesse caráter múltiplo que os escritos – sejam os realizados por mim ou por outros *Dormitantes* – são chamados de *Notas de Dormitância* e, por serem notas, também compuseram uma espécie de anotações ao longo da monografia.

Se, por um lado, a pesquisa em poéticas visuais apresenta-se por meio de uma escrita que segue a estrutura da academia e aborda formalmente o trabalho, por outro, as *Notas de Dormitância* são um dos recursos que propõem quebras a essa lógica, trazendo outras perspectivas sobre e a partir do que foi desenvolvido.

Assim, a poética *In-ação* é representada nesse trabalho acadêmico pelo diálogo de todos

os seus elementos, porém, de forma isolada, esses recursos podem adquirir, além de diversos sentidos, um caráter ficcional. Isso leva à ideia de que, ao isolar o áudio, a escrita e até mesmo a fotografia, não é possível afirmar se houve a ação original.

Essa linha de ficção, modo encontrado para referir-me a esse item, foi exercitada por meio da escrita sobre uma ação que teria acontecido na cidade de Tapes/RS, durante um evento acadêmico, mas não teve meio de ocorrer. Apesar de o exercício vislumbrar a possibilidade de exploração da ficção, assim como a questão do corpo como mobiliário urbano, essa investigação apenas a registra enquanto mais um elemento possível da Poética *In-ação*.

Em vista disso, acredito que, mesmo que *Dormitantes: a construção de uma poética in-ação* tenha um caráter performático, a poética criada ultrapassa a noção do que é tido como performance por envolver uma profusão de recursos em áudio, vídeo, fotografia e notas. Por essas razões, que têm a ver com o que a investigação deu a ver na conjunção entre trabalho poético e escrita, abdico do termo performance para adotar a palavra ação como a referência principal aos atos que foram realizados para a constituição da Poética *In-ação*.

Mesmo que possamos compreender a performance como uma ação, ao trocar de termo busco expandir essa noção, porém sem desconsiderar o caráter artístico do ato realizado. Isso é diferente da intenção de Kaprow, que, ao denominar o que fazia como Atividade, ao invés de performance ou *happening*, buscava se afastar da produção de um trabalho artístico.

Para além das questões promovidas a partir das *in-ações* realizadas, surgiram outras possibilidades, como simular uma ação por meio da escrita ou, ainda, criar um estado diferente para realizar a ação, por meio de experiências voltadas a despertar outros sentidos. *Dormitantes I* levou-me a pensar sobre como se dá o processo que antecede uma experiência coletiva no espaço da cidade e isso trouxe a recordação da participação de uma vivência teatral na cidade de Canoas/RS. O evento, a seguir

descrito, foi importante para que se compreenda como a pesquisa novamente apontou novas perspectivas.

Em janeiro de 2017, o grupo de teatro chamado Galegos & Frangalhos promoveu o evento Vivências entre Galegos & Frangalhos, com a intenção de proporcionar experiências em teatro. As vivências foram realizadas em quatro encontros e cada um tinha foco diferente, mas no último encontro houve uma proposta de imersão baseada no método desenvolvido pela artista Marina Abramovic (30 de novembro de 1946).

O método *Abramovic* foi criado pela artista sérvia com base nos estudos realizados por ela, bem como em suas experiências com a performance. Esse método é uma imersão que busca despertar os sentidos para ampliar a percepção do espaço. Quando em execução, propõe que, durante duas horas e meia, seus participantes relaxem e, em silêncio, explorem as atividades: em pé, sentado, andar lentamente e deitado. Isso para que se atinja um estado de introspecção, semelhante ao exercício da meditação.

A proposta de imersão das vivências em teatro tinha como foco a relação do corpo com o espaço a partir da cidade. A atividade durou aproximadamente duas horas e meia e foi dividida em momentos, assim como no método *Abramovic*, sendo que no primeiro foi realizado um relaxamento e preparação do corpo e, em seguida, foram experimentadas as posições: em pé, sentado, deitado e o deslocamento lento. Esse encontro se desdobrou em uma performance posteriormente realizada no centro de Canoas.

No último encontro da vivência houve uma preparação do corpo para que fosse atingido um "estado performático", em que a percepção pudesse dar-se de maneira distinta, e que esse estado fosse reativado na performance realizada. A partir disso, cogitei criar uma oficina, a fim de despertar um estado diferente, que poderia aqui ser chamado de estado de dormitância, para que a ação *Dormitantes* fosse novamente realizada. Porém, creio que, como essa pesquisa apenas dá início à poética *In-ação*,

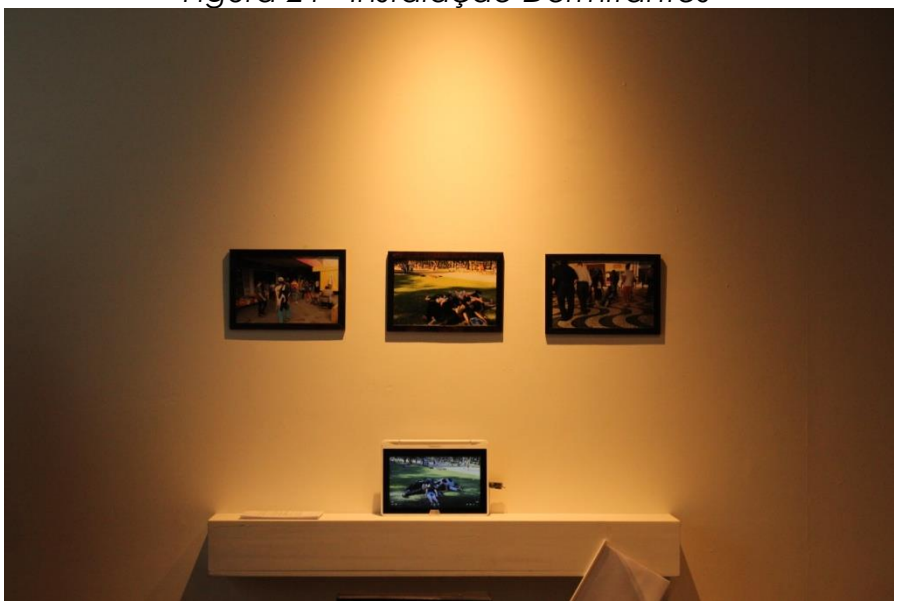
não há condições suficientes de investigar essa possibilidade, assim como as já citadas do corpo como mobiliário da cidade e da narrativa ficcional.

Ao identificar possibilidades que ultrapassam a pesquisa por ora concluída, é tempo de refletir sobre as linguagens que efetivamente compõem o seu conjunto, assim como abordar diretamente os produtos que foram ganhando existência durante o percurso. Um ponto importante e que tomou forma apenas ao final do processo é a maneira de apresentar o conjunto de tudo o que foi produzido nas e pelas dormitâncias. Entre as alternativas aventadas, foi cogitado o dormitar como forma de partilhar o trabalho, mas realizar a ação como forma de apresentação seria ilustrar parte do que havia sido feito. **Então, considerando a multiplicidade de coisas criadas, como dar a ver o trabalho sem apenas ilustrar a pesquisa?**

A solução encontrada para resolver essa questão foi criar uma instalação no espaço expositivo da Galeria Loide Schwambach[5], ou seja, colocar em conversação os diferentes elementos produzidos em uma composição. No espaço, o áudio captado durante as ações pode ser ouvido ao fundo, há três fotografias na parede e, sobre uma mesa de trabalho, encontram-se um caderno contendo as notas de dormitância, um notebook, onde os dois vídeos realizados podem ser reproduzidos. Além disso, pensando em proporcionar a experiência de dormitar, sobre a mesa foram disponibilizadas cópias de um material com orientações – feito exclusivamente para integrar a instalação – para dormitar a cidade, possibilitando a quem vê o trabalho realizar a ação posteriormente.

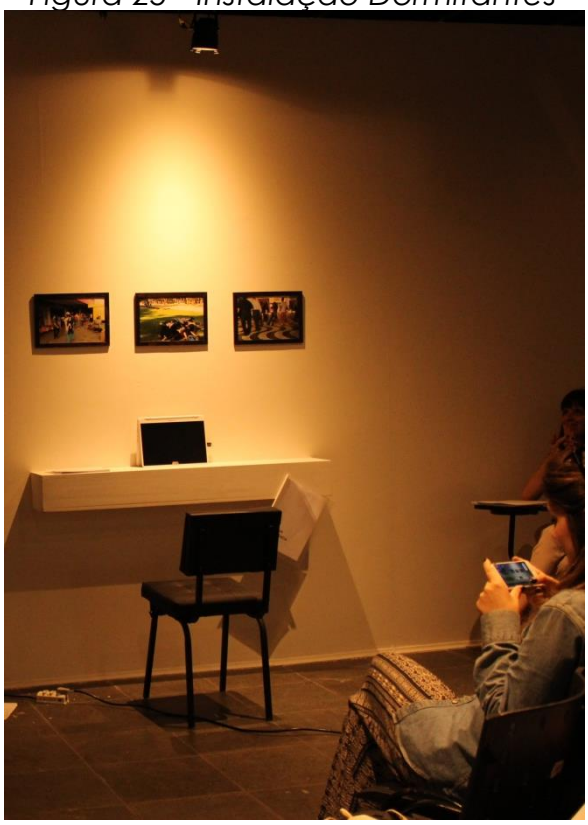
[5]A galeria pertencente à Fundarte, fundação de arte da cidade, onde funciona a unidade da UERGS em Montenegro.

Figura 24 - Instalação Dormitantes



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017

Figura 25 - Instalação Dormitantes



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017

Figura 26 - *Orientações para dormitar nos espaços públicos*

ORIENTAÇÕES PARA DORMITAR NOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Dormitar é colocar-se inerte em lugares movimentados e perceber o que isso gera. Mas, para que a experiência seja realizada você deve seguir os passos abaixo:

1 – Convide alguém de confiança para realizar a ação com você;

2 – Identifique, na cidade, um lugar público que seja bastante movimentado, como uma praça, a calçada do centro ou um lugar onde esteja acontecendo algum evento, como uma feira ou brique;

3 – Escolha uma posição para dormitar: em pé, deitado, sentado ou você pode criar uma nova maneira para fazê-lo;

4 – Fique no lugar e posição escolhidos com os olhos fechados durante 20 minutos ou mais próximo desse tempo, enquanto a pessoa que está com você acompanha a ação;

5 – Inverta os papéis e repita o processo para que a pessoa que está com você dormite também;

6 – Troquem experiências sobre o que cada um percebeu.

OBS: Você pode dormitar quantas vezes quiser e em diferentes lugares, porém é importante que a dormitância seja realizada por no mínimo duas pessoas.

Boa sorte!

Fonte: Arquivo pessoal, 2017

6 CONSIDERAÇÕES

Até aqui, apresentei o processo de desenvolvimento das ações denominadas como dormitâncias e os produtos gerados por elas, e que, em conjunto, compõem a poética *in-ação*, bem como as reflexões que envolveram a pesquisa. Neste capítulo, que por ora a encerra, propus-me a desenvolver algumas questões sobre o que foi descoberto em todo o processo. Por isso, é intitulado como Considerações e não como Considerações Finais.

Se, no princípio, propus a potência do sono como performance, o desenrolar da pesquisa foi a afastando cada vez mais tanto dessa questão, quanto da compreensão que se tinha acerca da performance. Na construção dos capítulos, procurei construir a linha de pensamento utilizada e as relações formadas com cada conceito. A exemplo disso, há a aproximação realizada entre performance e jogo. Nesse ponto, é válido ressaltar que, apesar de serem construídas relações, não houve intenção de impor nenhuma, mas analisá-las de acordo com o que o trabalho desenvolvia.

Nessa perspectiva, foi possível perceber que a investigação se desdobrou de tal forma que o sono passou de tema principal a uma metáfora para pensar a inércia, o que levou à criação de um conceito próprio para refletir sobre o que era proposto – o conceito de *In-ação*. Nos capítulos finais, o sono já nem se apresenta mais enquanto componente de base na pesquisa.

Ao criar um conceito apropriado ao que vinha se constituindo e questionar os caminhos tomados, fui dando-me conta de que havia outros pontos a serem aprofundados e que já não cabiam aqui. A percepção acerca do que foi produzido sinaliza a energia viva que o trabalho possui.

Entre outras compreensões, muitas desenvolvidas nos capítulos precedentes, aprendi a refletir sobre o trabalho por outras perspectivas, e percebi que elaborar uma investigação poética envolve muitas questões. Entre elas, ressalto um tipo especial de movimento, um movimento que não

possui uma ordem pré-estabelecida, como fazer a arte antes e escrever sobre o efeito depois, mas uma coisa perpassa a outra e ambas dialogam o tempo todo.

Portanto, é preciso dosar o tempo que é dedicado a cada coisa, pois há hora para produzir, experimentar e criar novas conexões, mas também para questionar a própria investigação, ler e voltar a produzir. Desta forma, a pesquisa em poéticas visuais ocorre num caráter múltiplo, no qual possibilidades diferentes surgem a cada instante e o trabalho termina em um ponto diferente de onde começou.

Por fim, considerando os desdobramentos realizados ao longo dessa investigação, faço reflexão a partir da pergunta **"O que o título de uma pesquisa pode dizer sobre ela?"** e no trecho a seguir, desenvolvo-a a partir dos termos que nomearam a pesquisa.

O título *Dormitantes: A construção de uma poética in-ação* surgiu a partir de uma reflexão acerca das palavras importantes que se faziam presentes desde o princípio da pesquisa, como é o caso de *adormência*, que seria a primeira palavra a representar o trabalho.

O termo *adormência* não existe no dicionário – ao menos não nessa grafia –, o que aparece é a palavra dormência, que, diretamente, não tinha nada a ver com a pesquisa. Dormência é definida no dicionário como um formigamento ou câimbra, porém, ao escrever a palavra com um "a" inicial, eu buscava remeter de alguma maneira à ideia de sono, pensando na *adormência* como uma espécie de moleza do corpo, de cansaço. Como no prefixo há ideia de negação, isso poderia sugerir uma resistência ao sono, como o não dormir quando estamos cansados.

Mais tarde, buscando uma sintonia entre o título e o trabalho, percebi a necessidade de revê-lo para que apresentasse mais claramente o que era pesquisado. Naquele momento, buscava representar a pesquisa com apenas uma palavra. Uma segunda possibilidade que surgiu foi dormente, vinda tanto de uma reflexão sobre o trabalho, quanto do próprio título provisório, *Adormência*. Enquanto título, Dormente poderia ser interpretado tanto como aquele que dorme, quanto como aquele que se encontra

entorpecido. Além do processo de pesquisa que se desdobrava de outras formas, tornando-se distante do que trazia o seu título, percebi que uma só palavra não daria conta de abranger o que era desenvolvido ao longo do processo.

Conforme a pesquisa prosseguia e movimentava novas questões, encontrei no termo *Dormitante* uma chave de acesso para o trabalho. Buscando palavras que de alguma forma se assemelhassem foneticamente aos termos anteriores, *Adormência* e Dormente, encontrei a palavra dormitar. No dicionário, é definida como cochilar, estar meio adormecido, errar, bobear, esconder algo por distração ou ainda descansar, estar calmo ou tranquilo. Nesse caso, *dormitante* seria tanto aquele que dorme, quanto aquele que, por distração, não percebe as coisas que acontecem ao seu redor.

Todas essas possibilidades provenientes dos significados da palavra, somadas às mudanças da pesquisa, que antes buscava pensar o ato de dormir – um estado de inércia – como meio performático para causar reações no contexto onde as ações se realizavam, foram essenciais para a construção de um título que conversasse com o que se propõe o trabalho enquanto pesquisa poética.

Retomando a questão "O que o título de uma pesquisa pode dizer sobre ela?", a pesquisa sob o título de *Dormitantes: A construção de uma poética in-ação* propôs-se a pensar em uma investigação poética que refletisse sobre a inércia que se apresenta de diferentes formas no meio urbano, mas que também pode ser um meio político, provocativo. A dormitância, entendo agora, pode gerar dissensos no meio em que acontece, e com isso, produzir novos modos de estar no mundo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. A potência do Pensamento. Tradução de Carolina Pizzolo Torquato. **Revista do Departamento de Psicologia** - UFF, v. 18 - n. 1 p. 11-28, Jan./Jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v18n1/a02v18n1.pdf>. Acesso em: 08 out. 2017.

AGAMBEN, Giorgio. **Bartleby, escrita da potência**. Lisboa: Editora Assírio & Alvim, 2007.

BLUMBERG, Naomi. **Adrian Piper:** AMERICAN CONCEPTUAL AND PERFORMANCE ARTIST.Encyclopedia Brittanica. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Adrian-Piper>. Acesso em: 24 nov.2017.

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. **A voz e o silêncio em 4'33", de John Cage**. Universidade Federal da Paraíba - PROLING/UFPB, 2012. Disponível em:<http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem14pdf/sm14ss04_08.pdf>. Acesso em: 8 out. 2017.

DALLAGNESE, Aline. **Encaixe-se:** o corpo que preenche espaços urbanos. 2015. 86 f. Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Artes Visuais – Licenciatura, Montenegro, 2012.

DARIO, Eduardo. Sobre a Arte Performática. **Revista Cliché**. 22 abr. 2013. Disponível em: <http://www.revistacliche.com.br/2013/04/sobre-arte-performatica/>. Acesso em 7 out. 2017.

DICIONÁRIO Informal. **Dormir no ponto**. 2012. Disponível em:<http://www.dicionarioinformal.com.br/dormir+no+ponto/>. Acesso em: 27 de agosto de 2017.

Do ruído constante ao silêncio impossível: John Cage e 4´33. 2013. Disponível em: <https://digartdigmedia.wordpress.com/2013/05/19/do-ruido-constante-ao-silencio-impossivel-john-cage-e-433/>. Acesso em: 7 out. 2017.

FLUXUS. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3652/fluxus>. Acesso em: 20 de Nov. 2017.

Foundation Genarili. **Adrian Piper: Catalysis III**, 1970.Disponível em: <http://foundation.generali.at/en/collection/artist/piper-adrian/artwork/catalysis-iii.html#.WhwhhFWnHIW>. Acesso em: 24 nov.2017.

GLOBAL ACTVISM. **Adrian Piper**. Disponível em: <http://global-activism.de/directory/adrian-piper#main >. Acesso em: 24 nov.2017.

GUERRA, Flávia. **Método de Marina Abramovic ensina participantes a "ouvir o silêncio"**. 2015. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2015/03/10/metodo-de-marina-abramovic-ensina-participantes-a-ouvir-o-silencio.htm>. Acesso em: 24 nov. 2017.

HAPPENING. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3647/happening>. Acesso em: 20 de Nov. 2017

JOKURA, Tiago. Qual a origem da expressão "sono dos justos"?.**Super Interessante**, 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/oraculo/qual-a-origem-da-expressao-8220-sono-dos-justos-8221/> . Acesso em: 27 de agosto de 2017.

KAPROW, Allan. A educação do an-artista II. In: **Concinnitas**, **Revista do Instituto de Artes da UERJ**, ano 5, nº 6, pg. 167-181, julho de 2004. Disponível em: <https://issuu.com/websicons4u/docs/revista6/169>. Aceso em: 20 nov. 2017.

KAPROW, Allan. A educação do Não-Artista parte 1 (1971), in: **Concinnitas: Revista do Instituto de Artes da UERJ**, ano 4, nº4. Pg.215-226, março de 2003. Tradução de Carlos Klimick. Disponível em:< https://liviafloreslopes.files.wordpress.com/2015/12/kaprow-allan-a-educaccca7ao-do-nao-artista.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

LONDERO, Alessandra Camargo. **O corpo na arte da performance**: artistas visuais e artistas da cena no Rio Grande do Sul. 100 p. 2014. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Arte e Letras, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Santa Maria, RS. 2014.

MARQUES, Ângela. Comunicação, estética e política: a partilha do sensível promovida pelo dissenso, pela resistência e pela comunidade. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 22, p. 25-39, dez. 2011.

MELIM, Regina. **Performance nas Artes Visuais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2008.

NAHIMA, Maciel; PAGANINI, Joseana. **O Movimento Fluxus!** Do próprio Bolso. Disponível em:<http://www.dopropriobolso.com.br/index.php/artes-visuais/54-artes-plasticas/373-fluxus>. Acesso em: 23 nov.2017.

NARDIM, Thaise Luciane. As atividades de Allan Kaprow: artes de agir, obras de viver. **Revista Valise**,Porto Alegre, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br.index.php/RevistaValise/article/view/19892/12804>. Acesso em 20 nov.2017.

O ano em que o gigante acordou: Tarifas de transporte foram o estopim para protestos no Brasil. **Revista Exame**. Dez. 2013. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/o-ano-em-que-o-gigante-acordou/>. Acesso em: 27 de agosto de 2017.

PAVAM, Rosane. **O discurso do Método, por Marina Abramovic**. 2015. Disponível em: < https://www.cartacapital.com.br/revista/841/o-discurso-do-metodo-por-marina-abramovic-6258.html>. Acesso em: 24 nov. 2017.

PECCININI, Dayse (coord.). **GRUPO FLUXUS**. Projeto Arte no século XX/ XXI: visitando o MAC na web. Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo5/fluxus.html>. Acesso em: 23 nov.2017.

PERFORMANCE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3646/performance>. Acesso em: 09 de Out. 2017. Verbete da Enciclopédia.

RANCIÈRE, Jacques. **10 Teses sobre a Política**. Tradução Lucas Paolo. 2013. Disponível em:<https://odiscursosemmetodo.wordspress.com/2013/11/11/10-teses-sobre-a-politica-jacques-ranciere/. Acesso em: 15 set. 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **O dissenso**. In: A crise da razão. Organizador: Adauto Novaes (Org.). São Paulo: Companhia das Letras,1996. Tradução de Paulo Neves.

RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

Shh, o gigante acordou, mas tá de ressaca. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 07 agosto. 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduvivier/2017/08/1907705-shhh-o-gigante-acordou-mas-ta-de-ressaca.shtml>. Acesso em: 27 de agosto de 2017.

YAKAS, Ben. **Photos: Tilda Swinton Is Sleeping In A Box At MoMA ThisYear. Gothamist**. 2013. Disponível em:<http://gothamist.com/2013/03/23/photos_tilda_swinton_is_sleeping_in.php>. Acesso em: 04 out.2017.